

Planalto aposta na 'acomodação' no Legislativo

O presidente Fernando Henrique Cardoso está atento à movimentação no Congresso e acha que a acomodação política é uma questão de tempo, segundo informou ontem um de seus auxiliares. Além do ex-deputado José Abraão, o Planalto decidiu também convidar o ex-deputado Edme Tavares para, no Palácio, formar uma assessoria que fará a ponte, de forma mais permanente, com os parlamentares. "Não tem crise nenhuma, a acomodação virá", disse um amigo de Fernando Henrique.

Apesar disso, o Presidente passou o dia de ontem tentando acalmar as brigas que pipocaram no Governo e no seu partido, além de preocupar-se com a crise que levou o Banco Central a intervir várias vezes no mercado e que o obrigou a, entre reuniões com políticos, receber o presidente do Banco Central, Pêrsio Arida, para falar sobre o câmbio.

"Clovis Carvalho é a bola da vez? Ele está firme no cargo", comentou outro auxiliar de Fernando Henrique ao falar sobre as queixas dos políticos contra os ministros, pela falta de comunicação, porque não são recebidos ou não têm suas reivindicações atendidas.

Tempo — "O que tem de gente telefonando para ministro e não sendo atendido não é brincadeira", observou o deputado Geddel Lima. Assessores do Presidente ficaram preocupados com a situação, mas acreditam que é questão de tempo o acerto desta comunicação entre Legislativo e Executivo, especialmente agora com a participação dos ex-deputados José Abraão e Edme Tavares, como interlocutores entre Congresso e Planalto.

Os líderes governistas, deputados Luiz Carlos Santos (PMDB-SP) e Germano Rigotto (PMDB-RS), e o senador Elcio Álvares (PFL-ES) temem uma "debandada geral" na base de apoio ao Governo. E, conseqüentemente, dificuldades para aprovação das emendas à reforma constitucional. "O Conselho Político é uma idéia muito boa, mas não é suficiente", limita-se a comentar o senador Elcio Álvares.

Para os parlamentares insatisfeitos, o presidente Fernando Henrique precisa agendar audiências com deputados e senadores, realizar o que chamam de "corpo a corpo".

10 MAR 1995
JORNAL DE BRASÍLIA